

A VIOLÊNCIA DAS ARMAS - A VIOLÊNCIA DA FLOR...

No dia 3 de Junho de 1969 Coimbra despertou sob o pesadelo da repressão fascista exteriorizada numa ocupação policial e militar de dimensões e violência proporcionais ao ódio, ao despotismo e ao medo das classes que detinham o poder público.

Incapazes de isolar e destruir através de formas de repressão menos evidentes a justa luta dos estudantes, o fascismo perdeu disfarces de propaganda e não exitou em recorrer à força das baionetas, dos bastões, do arame farpado e dos cascos de cavalo, para esmagar os que, lutando pelos seus direitos, põem em risco as suas cidadelas de privilégios.

À violência da repressão, os estudantes souberam, porém, contrapor novas e correctas formas de luta, assentes na mobilização das massas, na unidade, na aliança com o povo, na determinação de um combate que se sabe doloroso, mas que a História demonstra triunfo certo.

À violência das armas, os estudantes opuseram a violência da flor - a violência histórica de uma flor de aliança, de uma flor de resistência, de uma flor de combate comum, de uma flor empunhada por todos aqueles que pretendem transformar um mundo de polícias e quartéis, de violência e terror, de prepotência e luxo, de cemitérios de fome, - num imenso jardim colorido pelas pétalas da liberdade, da igualdade e da emancipação humana.

O dia 3 de Junho de 1969 adquiriu, assim, todo um significado de luta e unidade, de democratização e emancipação cultural. Este dia não podia passar sem ser lembrado por todos quantos ainda hoje se unem no seu combate comum contra todas as formas de violência e repressão, contra todas as formas de discriminação e exploração.

É por este combate que a nossa Universidade de Coimbra terão de se empenhar. É justamente esta tradição de luta que se mantém viva na memória dos povos, e que nos responsabilizará perante a História. Coimbra não poderá ter por tradição a cátedra de um salazar, a batina de um privilégio, a boémia e a irreverência fácil de quem vive à custa das mesadas de quem trabalha, as ameias e os muros de um ghetto cultural!... Essa é a tradição que as classes dominantes nos querem impor, e salvar essa tradição que pretende dividir e alienar Coimbra na imagem de uma cidade dividida entre estudantes e trabalhadores, entre cultura e trabalho, na imagem de uma cidade de arcaibros e batinas, de borlas e capelos, de serenatas e boémias - e não na imagem de uma cidade que trabalha, que luta e que combate por uma cidade de homens livres e emancipados.

Quarenta anos de SNI já nos bastaram, e não será agora o Diário de Coimbra que acusará quem enfrentou as banners da PIDE, a Censura, as notas officiosas e a máquina de propaganda fascista. A nossa tradição de luta e de

combate, de festas e de progresso, de liberdade e Igualdade - é a tradição do Povo, é a tradição da História. FESTEJEMO-LA: o Egipto é ainda hoje recordado pelos seus faraós e pelos seus escravos; a nossa tradição é a dos escravos, dos servos e dos oprimidos! Deixemos a quem o queira a tradição dos faraós, dos senhores feudais, a tradição dos salazares! COIMBRA NÃO SERÁ UM POSTAL ILUSTRADO, a uma fonte de turismo. COIMBRA SERÁ UMA CANÇÃO, sim, mas UMA CANÇÃO DE COMBATE...

Coimbra, hoje como ontem, dedilhará guitarras e violas, não subsidiadas pelo Turismo, mas, antes, subsidiadas pelo canto comum de uma luta secular pela Liberdade, pela Igualdade, pela Democratização e Emancipação Cultural, POR UMA UNIVERSIDADE NOVA, que não seja um feudo de homenagens e retáveis, mas um espaço aberto de trabalho humano colectivo.

A UNIVERSIDADE É TUA!

PARTICIPA!

TRAZ UM AMIGO...

E UMA FLOR TAMBÉM!

A COMISSÃO PROMOTORA DO DIA DA FLOR